
TRAJANO VIEIRA. *As Bacantes de Eurípides*. São Paulo: Perspectiva, 2003. 200 p. ISBN: 85-273-0679-4.

Traduzir é sempre um desafio. Uma língua não se faz apenas de palavras, pois cada uma delas já inclui, em si, uma visão do mundo, uma *Weltansicht*, para retomar o conceito de Wilhelm von Humboldt. As próprias categorias de pensamento referem-se ao mundo da linguagem, antes que ao mundo objetivo, como lembrava Émile Benveniste no seu clássico *Problèmes de linguistique générale*, de 1966. A língua não é um *ergon*, algo feito, mas *energeia* uma ação criativa (*poiesis* von Humboldt). Neste contexto, a tradução de uma obra qualquer já se deve entender como uma recriação de um mundo em outro mundo, uma re-inserção, em outro contexto histórico, social e cultural, de uma obra. No caso de uma tragédia grega, duas questões adicionais se colocam: o caráter poético do texto e o contexto histórico, distante e diverso. A isto tudo, Trajano Vieira respondeu com abordagens originais e heterodoxas.

A poética da tradução constitui um primeiro grande objeto de reflexão. Martin Heidegger alertava que “o homem se engana ao pensar que domina a língua, pois é ela que o domina”. Como traduzir uma língua como o grego antigo, cujos vocábulos carregam sentidos

múltiplos, por serem compostos? Como manter, ademais, tempos verbais e construções que pouco se afeiçoam ao vernáculo? A solução mais usual, tão prevalente no mundo anglo-saxão de nossos dias, consiste em transformar, por paráfrases sucessivas, o texto original, que deveria soar como se tivesse sido escrito em inglês. Este caminho retira grande parte do valor do original, que está também no estranhamento de uma outra cultura, de uma diversa maneira de expressar. Nabokov, insurgindo-se, propõe que “devemos nos livrar da noção de que a tradução ‘deve ser lida facilmente’ e que ela ‘não deve parecer uma tradução’”. A tradução deve, pois, manter o estranhamento, embeber-se de recriação poética, aquilo que Walter Benjamin chama de *Umdichtung*.

O caminho escolhido por Vieira é o da fidelidade do sentido, na esteira de Jerônimo: *non uerbum de uerbo, sed sensum exprimere de sensu*. Crítica, de forma explícita, a tradução conteudista, ao tratar, em detalhe, na introdução, do episódio do nascimento de Dioniso, assim vertido (291-8):

Zeus contramaquinou qual faz
um deus:
Um setor do céu seccionando,
circum –
Térreo, fez e deu a Hera, qual
penhor
Da querela, uma cópia de
Dioniso.

Com o passar do tempo, os homens dizem:
 “Ele é o Senhor-do-fêmur do Cronida!”,
 mera metástase de nome. Um deus
 à deusa penhorado. E vira história

Segundo Eurípides, Zeus imagina um ardil para acalmar Hera, decidida a matar Dioniso, fruto da relação extraconjugal do marido. Como salvar Dioniso? Zeus corta uma parte (*meros*) do céu e a entrega a Hera como ‘penhor’ (*hómeros*), em lugar do primeiro Dioniso. Como o tempo, os homens, devido à semelhança entre *méros* e *meros* (coxa), criam o mito da geração de Dioniso da coxa de Zeus. Segundo o poeta, a forma (*meros/hómeros*) gera o mito, o significante produz novos sentidos. A solução para a tradução, proposta por Vieira, se dificulta a leitura, permite que o leitor não se engane que haja ilusória simplicidade nesse nascimento do deus. Quanto ao método, Vieira segue os mestres da transcrição, Ezra Pound, Octavio Paz e Haroldo de Campos, ao criar um texto muito bonito, ainda que difícil e árduo, à Nobokov.

Em seguida, há a importância do contexto histórico e social. Como transpor um mundo extinto, que não conhecemos senão indiretamente, para nosso próprio cotidiano prosaico? Vieira mostra como o século XX leu a peça

como obra de um racionalista contrário a correntes religiosas de seu tempo, cujo protagonista seria um impostor, não o deus Dioniso. Dodds, por outra parte, apresenta uma interpretação trans-histórica, no campo de um irracionalismo transcultural. Vieira não endossa essas interpretações, ao ponderar que Eurípides não conclui sua vida como apólogo da razão, nem tampouco como apóstolo do frenesi enebriante. Prefere considerar que inventa uma linguagem que representa os extremos do universo em luta e revela seus mecanismos de construção. Vieira chama a atenção, portanto, ao caráter anacrônico, ahistórico, fora do contexto grego antigo, seja de um Eurípides racionalista *avant la lettre*, seja como irracionalista *fin de siècle*. Por seu estranhamento, a versão já impulsiona o leitor à diferença, à especificidade histórica.

As soluções encontradas por Vieira são originais e frutíferas. Alguns exemplos bastarão para avaliar essas virtudes. Em 430-1, traduz *tò plêtos ho ti to phaulóteron* por “o vulgo, a massa mais depauperada”, recuperando a multidão do termo original pela dupla vulgo/massa, tão importante no contexto ateniense em que a peça foi acolhida. Em 484, Dioniso se refere aos bárbaros: *tád’ eû ge mállon: hoi nómoi dè diáphoroi*, vertido, de forma sucinta, por Vieira como “são melhores: adotam outras normas”. Outro conceito central *nomos*, suplementado pela diversidade também

essencial à Atenas em disputa, representado pela alteridade na tradução ('outras'). Em 910-2, "Quem vive dia a dia o demo bom, esse eu reputo venturoso", consegue levar o leitor a perguntar-se pelo *eudaimonía* e pelo verbo *makaridzo*, conceitos tão importantes em um contexto em que não havia, como bem lembra Vieira, racionalismo e, portanto, irracionalismo.

O público brasileiro, que já contava com a bela versão de Jaa Torrano (*Bacas, o mito de Dioniso*, São Paulo, Hucitec, 1995), dispõe de outro notável esforço de transposição, ao vernáculo, de uma obra tão importante e difícil de ser vertida. Ganham os estudiosos do mundo antigo, mas beneficiam-

se, também, todos que se interessam pelos meandros da tradução, faina tão mais importante quanto representa a busca do respeito à diversidade cultural, no passado e no presente.

PEDRO PAULO ABREU FUNARI*
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas
Universidade Estadual de Campinas

NOTA

- * Professor Titular de História Antiga e Coordenador-Associado do Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas.